



EBOOK PERTENCIMENTO OU ENCAIXE?

VOCÊ PERTENCE AO SEU GRUPO SOCIAL OU APENAS SE ENCAIXA?



Vamos imaginar quando chegamos pela primeira vez a este mundo? Viemos com nossas bagagens de experiências zeradas, como um campo limpo, uma folha de papel em branco para ser preenchida.

E nessa jornada de novas experiências, vamos paulatinamente aprendendo lições de sobrevivência: se chorarmos, ganharemos comida ou alguém vai nos trocar pois “quem não chora não mama”.

À medida que crescemos somos expostos a inúmeras descobertas por experimentação e “ensaios”: se equilibrar para ficar em pé, andar, falar, cantar..., tudo isso faz parte de um conjunto de memórias sensoriais que vai se formando em nosso cérebro.

Até os sete anos de idade, nosso consciente está sendo modelado pelos impulsos advindos dos instintos e da intuição. As crianças conseguem conversar com o Divino de forma simples e direta, algumas delas possuem uma intuição mais aguçada e conseguem conversar e ter amigos invisíveis que são chamados de “imaginários” pelos adultos.

A maioria das crianças se enxergam como heróis e heroínas e sabem exatamente o que serão “quando crescer”, não tem dúvida do amor que sentem, expressam esse amor de forma espontânea e não esperam nada em troca.



E o que muda depois dos sete anos? É simples. Até os sete anos não temos a personalidade desenvolvida, ou seja o nosso ego. A criança sente-se pertencente a um grupo de pessoas a partir do qual ela constrói o ambiente à sua volta; é o seu mundo; é tudo que ela tem. Uma “tribo” em casa, uma “tribo” na vizinhança, uma “tribo” na escola, uma “tribo” na igreja ou templo (se houver), e assim o mundo dela está formado. Mas durante esses sete anos, embora a personalidade esteja ainda se formando, a criança está fazendo a “instalação do programa” que será executado ao longo da sua jornada, ou seja, ela está construindo o seu ego, a sua persona.

Os rótulos que lhe são atribuídos, afirmações do tipo “Você não é capaz”, que são escutados durante a infância, especialmente por figuras de autoridade (pai, mãe, professor, líder religioso etc) são incorporados como crenças e verdades absolutas no inconsciente infantil e a criança que um dia queria ser um Super Herói, termina por acreditar que não é capaz e passa a se enxergar como um Ser sem poderes, incapaz.

Outras afirmações do tipo “Você é louco”, também impactam fortemente o senso de pertencimento da criança que, ao invés de preservar e burilar a pureza e a inocência que advém da sua conexão com o Divino em si mesmo, passa a rejeitá-lo em detrimento de um lugar de pertencimento na “tribo dos normais”.

Assim, a criança aprende que é melhor “não ser capaz”, que é mais seguro “não ser louco”, pois corre o risco de ser rejeitada ou excluída da “tribo familiar ou daquele grupo social, pois a instalação desse programa não se dá apenas no âmbito da “família”, mas se projeta para todos os ambientes onde a criança enxerga alguma pessoa como autoridade, seja na escola, na igreja, no condomínio, na rua, ou seja, em todos os lugares.



E assim como todos nós, adultos, a criança também quer pertencer a algum lugar. Mas o que não se percebe é que no momento em que se deixa para trás sua essência divina, ela se desconecta do estado de pertencimento de si mesmo e vai se moldando às “verdades” e crenças associadas às pessoas de autoridade que a cercam. Por acreditar que estas figuras de “autoridade” são detentoras do que é verdadeiro e do que é correto, a criança é levada a crer que o melhor a fazer é “abandonar” quem ela é em essência, silenciar “as vozes” internas e escutar as vozes que do ambiente externo.

É nesse momento que se deixa de pertencer a você mesmo, e passa a se encaixar em seus grupos sociais reproduzindo tudo que eles ensinaram do que você deve “ser” e do que você “não deve ser”.

Essa é a Lei da correspondência: O que está dentro, está fora. O que está acima está embaixo. Se não estamos pertencentes em nós mesmos, não estaremos em lugar algum.

E você sabe qual é o oposto de pertencimento? Encaixe! Sendo assim, passaremos a nos encaixar.

Então, encontramos no mundo muitas pessoas que embora queiram falar o que sentem, preferem calar, porque certamente deixarão de pertencer aos seus grupos sociais, assim como outras pessoas deixaram de usar a roupa que gostam para não serem criticados e para serem aceitos em seu grupo social.

E isso vale para tudo, corte de cabelo, tipo de automóvel, tipo de relação amorosa....

Nos ambientes estereotipados em que vivemos, o mais comum é as pessoas se encaixarem como se o mundo exterior fosse separado do mundo interior. A lei da correspondência mostra o contrário, tudo que está dentro está fora e é por isso que “semelhante atrai semelhante”.



Quem nunca pensou: “Eu não me encaixo aqui... ou lá.... ou eu não sou daqui, eu não sou desse mundo, tem algo de errado comigo, eu sou diferente....”?

Fomos programados para reproduzir os valores coletivos, ou seja, aquilo que é “certo ou aceitável” dentro de uma sociedade: os padrões familiares, os valores culturais e religiosos que agregados ao nosso inconsciente serão determinantes dos nossos valores pessoais ou individuais. Isso quer dizer que, as “verdades/crenças” do que é certo ou errado para esse grupo de pessoas se instalam em seu inconsciente advindo dos padrões coletivos.

São esses seus valores pessoais ou individuais que criam a sua mentalidade, ou seja o seu padrão mental. Essa mentalidade pode ser negativa, positiva ou limitante, tudo vai depender das situações às quais que você foi exposto em sua jornada. Lembrando que os primeiros sete anos são os decisórios em quase tudo que você vai assimilar posteriormente.

Pessoas com ego inflado, pessoas “reclamonas”, pessoas que se enxergam como vitimas, pessoas que não vivem o presente e possuem um excesso de passado, ou pessoas que apenas enxergam no futuro alguma possibilidade de ser feliz, pessoas que carregam culpa, pessoas com o sentimento de não merecimento, pessoas com sentimento de escassez, pessoas ingratas e tantas outras, tendem a ter padrões mentais negativos e limitantes, porque tem dificuldade para evoluir e geralmente não conseguem ir para onde desejam ir, porque estão acorrentadas no passado ou no futuro ou em condicionamentos mentais que as aprisionam.

Importante entender que não se é vilão, pecador ou menos merecedor por ter carregado em seu “HD” um padrão negativo ou limitante, de forma alguma! Reconhecer isso é uma tarefa, um desafio, uma responsabilidade para se ter uma vida em abundância.



Esses padrões mentais negativos e limitantes deixam as pessoas aprisionadas na chamada Zona de Conforto. E sair desse lugar de acomodação é desafiador e em geral leva as pessoas diretamente para a Zona do Medo pois é lá que elas estarão expostas à opinião dos outros, ao olhar do mundo exterior. O medo do julgamento e da não aceitação é grande e faz com elas arranjem diversas desculpas para se manter na zona de conforto.

Quando se tem coragem para enfrentar essa Zona do Medo e se libertar da Zona de conforto, a pessoa acessa a Zona de Aprendizagem e volta a aprender quem ela realmente é, pois somente se re-conhecendo pode-se pertencer a si mesmo.

Então, o primeiro passo para o estado de pertencimento é sair da zona de conforto, enfrentar a zona do medo e se auto-conhecer. Somente assim, a pessoa poderá voltar a pertencer a si mesma, ou seja, é olhar-se de frente, saber quem é em essência: conhecendo-se a si mesma verdadeiramente, volta-se ao estado natural de pertencimento. Portanto, o pertencimento não requer que você mude quem você é, requer que você seja quem você É!

Depois que se conquista a zona de aprendizado, entra-se espontaneamente na Zona de Crescimento e aí sim, os sonhos e desejos são realizados. O propósito de vida é finalmente encontrado e o Super Herói volta para casa!

Reconhecer para Ressignificar e Ressignificar para Evoluir.

Esse é o caminho para SER TUDO QUE VOCÊ NASCEU PARA SER.